



A VIVÊNCIA DE MULHERES SOROPOSITIVAS PARA HIV/AIDS SOBRE O CLIMATÉRIO: USUÁRIAS DE UM SERVIÇO ESPECIALIZADO

THE EXPERIENCE OF HIV / AIDS POSITIVE WOMEN ON THE CLIMATERIC PERIOD: USERS OF A SPECIALIZED SERVICE

LA EXPERIENCIA DE MUJERES SEROPOSITIVAS AL VIH/SIDA SOBRE CLIMATERIO: USUARIOS DE UN SERVICIO ESPECIALIZADO

Jaqueline Cardozo Reis Gomes¹, Bianca Dargam Gomes Vieira², Ana Beatriz Azevedo Queiroz³, Valdecyr Herdy Alves⁴, Diego Pereira Rodrigues⁵, Keitt Martins Santos⁶

RESUMO

Objetivo: descrever como é vivenciar o climatério, sob a visão das mulheres soropositivas para HIV/AIDS que utilizam o Serviço de Assistência Especializada. **Método:** estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 15 usuárias do Serviço de Atendimento Especializado para Infecções Sexualmente Transmissíveis. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas individuais semiestruturadas que, após gravação e transcrição, foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo, na modalidade Análise Categorical. **Resultados:** emergiram as categorias <<O significado do climatério>>, <<Experienciando o climatério e suas repercussões>> e <<<A atenção à mulher climatérica na rede pública>>. **Conclusão:** a participação do profissional de saúde é indispensável para que ele atenda a mulher de forma integral, não apenas visualizando a soropositividade para o HIV/AIDS, mas também a questão do climatério. **Descritores:** Saúde da Mulher; Climatério; HIV; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

ABSTRACT

Objective: to describe how the climacteric period is experienced, under the view of HIV/AIDS seropositive women who use the Specialized Care Service. **Method:** a descriptive, exploratory study with a qualitative approach, carried out with 15 users of the Specialized Service for Sexually Transmitted Infections. The data was produced by means of semi-structured individual interviews, which, after recording and transcription, were submitted to the Categorical Analysis Mode content analysis technique. **Results:** the following categories emerged << The meaning of the climacteric period >>; << Experiencing the climacteric period and its repercussions >> and << The care of climacteric women in the public network >>. **Conclusion:** the participation of the health professional is indispensable to attend to the woman in an integral way, not only visualizing the seropositivity for HIV/AIDS, but the climacteric issue. **Descriptors:** Women's Health; Climacteric; HIV; Acquired Immunodeficiency Syndrome.

RESUMEN

Objetivo: describir que es la vivencia del climaterio, bajo la visión de las mujeres seropositivas para VIH/SIDA que utilizan el Servicio de Asistencia Especializada. **Método:** estudio exploratorio descriptivo con un enfoque cualitativo, se realizó con 15 usuarios de servicio especializado para infecciones de transmisión sexual. Los datos fueron producidas entrevistas semiestructuradas individuales que, después de la grabación y transcripción, fueron sometidos a la técnica de Análisis de Contenido en la modalidad de Análisis Categorical. **Resultados:** surgieron las categorías << el significado del climaterio >>; << Experimentando el climaterio y sus repercusiones >> y <<< La atención a la mujer climatérica en la red pública >>. **Conclusión:** la participación del profesional de salud es esencial para el que atienda la mujer de forma integral, no sola viendo la seropositividad para el VIH/SIDA, pero también la cuestión del climaterio. **Descriptor:** Salud de la Mujer; Climaterio; VIH; Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida.

¹Enfermeira, Graduação, Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: jaque.linereis@hotmail.com; ²Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: biadargam@gmail.com; ³Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: abaqueiroz@hotmail.com; ⁴Enfermeiro, Doutor em Enfermagem, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: herdvalves@yahoo.com.br; ⁵Enfermeiro, Mestre em Enfermagem da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: diego.pereira.rodrigues@gmail.com; ⁶Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Centro de Videoendoscopia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: martinsks01@gmail.com

INTRODUÇÃO

A epidemia da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e o adoecimento com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) constituem fenômenos mundiais e, no caso do Brasil, são advindos principalmente das desigualdades sociais que atualmente se caracterizam por um processo de heterossexualização, feminização, interiorização e pauperização da população.¹

O aumento da contaminação pelas mulheres, ou seja, da feminização do HIV/AIDS, está se dando pelas relações heterossexuais desprotegidas, com parceiros fixos ou eventuais e, ainda, pela pobreza,² que pode reverberar nas condições de falta de informação e de cuidados em saúde, como também na prostituição e no uso de drogas.³

O HIV/AIDS pode infectar a mulher em qualquer período de sua vida e, dessa forma, refletir nas demais etapas de seu ciclo vital. Os casos detectados de HIV/AIDS na população brasileira, no ano de 2013, foram de 38.916. No grupo de mulheres, foi de 13.621, contudo, na faixa etária de 30 anos ou mais, foi de 11.905.⁴

A mulher, na faixa etária entre 35 a 65 anos, passa pela transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo, caracterizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o climatério e definido como uma fase biológica da vida e não um processo patológico.⁵ Essa fase biológica traz não somente alterações hormonais que afetam o emocional e físico feminino, mas também questões sociais e comportamentais frente ao mundo.⁵

Para as mulheres que vivenciam o HIV/AIDS, esse momento pode ser acrescido por complicações metabólicas relacionadas à infecção e ao uso das drogas antirretrovirais⁶ e reflexos sobre a percepção da sua autoimagem, como o seu bem-estar. E, em relação ao comportamento e relacionamentos, estando ela mais predisposta a ter agravos à saúde, devido às mudanças hormonais pertinentes ao climatério,⁵ agregadas às infecções oportunistas e complicações associadas ao HIV/AIDS⁷ e, ainda, por nessa faixa etária ser menor a possibilidade de fecundidade, podendo deixá-la menos atenta à utilização de preservativo e lubrificação vaginal reduzida, pela queda hormonal, tem a chance aumentada de transmitir a infecção por via sexual.⁵

É imprescindível um olhar mais atento do profissional de saúde especializado, integrante de uma equipe multiprofissional, a

essa cliente, baseado nas políticas públicas de saúde da mulher/climatério e de DST/AIDS, em prol da qualidade de vida feminina. O desenvolvimento deste estudo justifica-se pela necessidade da ampliação das discussões sobre a mulher vivendo com HIV/AIDS na fase do climatério, devido à reduzida quantidade de pesquisas nacionais e internacionais existentes para subsidiar a atenção à saúde desse grupo da população.

OBJETIVO

- Descrever como é vivenciar o climatério sob a visão das mulheres soropositivas para HIV/AIDS que utilizam o Serviço de Assistência Especializada.

MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em um Serviço de Assistência Especializado (SAE) para Infecções Sexualmente Transmissíveis do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), situado no bairro Cidade Nova, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Brasil, tendo como participantes 15 mulheres usuárias do SAE com diagnóstico de HIV/AIDS em idade do período do climatério.

Os critérios de elegibilidade para a inclusão dessas mulheres na pesquisa foram: estarem matriculadas e ativas no SAE; com diagnóstico positivo para HIV/AIDS; na faixa-etária entre 35 a 60 anos e que demonstrassem interesse em participar do estudo de forma voluntária. E os parâmetros de exclusão: não estarem em atendimento no Serviço na época das entrevistas; apresentarem distúrbio cognitivo e/ou não terem intenção de colaborar. Utilizou-se o padrão de saturação dos dados, quando os depoimentos se tornaram repetitivos.

As mulheres foram informadas quanto aos objetivos da pesquisa e convidadas a participar e, após esclarecidas sobre a confidencialidade dos dados obtidos, de modo a assegurar o anonimato, privacidade e o sigilo das entrevistadas, como também da importância da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme indica a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. As participantes foram identificadas pela letra “M” seguidas dos números cardinais, sequenciando os depoimentos (M1, M2, M3,..., M15).

O período de coleta de dados se deu entre os meses de dezembro de 2015 e janeiro de 2016, quando as usuárias foram abordadas na sala de espera do SAE, de forma individual, e

Gomes JCR, Vieira BDG, Queiroz ABA et al.

conduzidas para um espaço previamente reservado para o desenvolvimento da entrevista.

Alicerçada nas características do objeto dessa investigação, elegeu-se, como técnica de coleta de dado, a entrevista individual semiestruturada, baseada em um roteiro previamente estabelecido e que, mediante o consentimento das usuárias, as falas foram registradas em arquivo digital (MP3) e, em seguida, transcritas para ser analisadas utilizando-se a análise de conteúdo.⁸

Quanto aos aspectos éticos, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HESFA/UFRJ, no dia 03 de novembro de 2015, sob o nº CAAE: 46890615.4.0000.5238, cujo protocolo: 1.305.723/2015.

RESULTADOS

α O significado do climatério

Algumas mulheres indicam o desconhecimento acerca da denominação “climatério”, expressado nos discursos a seguir:

- Não tinha ouvido nada sobre climatério. Não sei explicar. (M3)*
- Eu não tinha ouvido falar do tal climatério não. Não sei nada sobre. (M7)*
- Nunca ouvi nada a respeito de climatério. Não sei. (M9)*

Outras participantes relataram já ter escutado falar ou conhecer o termo climatério e, por vezes, relacionando-o com a menopausa.

- Seria fazer um tratamento de hormônios no período em que a mulher está entrando na fase de menopausa. Acho que essa fase começa com 40 anos. (M4)*
- Sim, conheço já tinha ouvido falar. Ocorre quando vai chegando a uma determinada idade em que o hormônio da mulher vai diminuindo. (M9)*
- Sim, em conversas com as amigas. É um estágio antes da menopausa. É a fase que a menstruação vai ficando escassa, ela já não vem mais todo mês, dá um espaço. (M12)*

α Experienciando o climatério e suas repercussões

As participantes têm alguns sintomas, como demonstram nas falas a seguir:

- Desde 43 anos, eu sinto uns calores. Como eu estivesse pegando fogo no rosto. Até hoje eu ainda sinto esses calores. [...]. Com isso meu marido reclama que está muito frio. (M6)*
- De vez em quando eu tenho calores, nervosismo, agitação. (M2)*
- Secura na boca, inchaço, aumento de peso. (M8)*
- Ressecamento vaginal eu sinto. (M14)*

A vivência de mulheres soropositivas para hiv/aids...

Meus cabelos caíram, minhas unhas ficaram quebradiças. Tive depressão, insônia. Eu engordei igual a uma bola. (M15)

Ainda referiram as consequências desse período repercutindo em seus relacionamentos:

- Sim. Por conta da minha irritação, eu estou um pouco sem paciência. Um período difícil, complicado. Porque estou afastando as pessoas que eu gosto, me sinto muito culpada por isso. (M6)*
- Atrapalhou um pouco porque eu estou sempre com muito calor. Tenho que ligar ventilador. Isso atrapalhava um pouco. Porque é um calor insuportável. (M11)*

Também refletindo em suas relações sexuais, como é demonstrado na fala a seguir:

- Interfere sim, perdi a vontade de fazer sexo. (M5)*

Buscou-se saber se essas mulheres faziam algo para amenizar os sintomas do climatério, e a maioria apontou estratégias:

- Tomava vários banhos de agua fria. (M7)*
- Para o calor, eu ligo o ventilador, fico lá me refrescando, me abanando. Tomo água gelada. Para o nervosismo, não tem jeito, fico lá quietinha esperando. (M10)*
- Ler para relaxar e controlar minha irritação com chá de camomila e erva doce. (M13)*
- Exercício físico e musculação. (M15)*

Sobre a utilização de antirretrovirais, alterar ou crescer aos sintomas do climatério, a maioria das participantes disse não ter relação:

- Acho que não tem relação com antirretrovirais. (M2)*
- Não acho que tenha relação. Porque os sintomas começaram agora e a terapia antirretroviral já uso há mais de dez anos. (M8)*
- Acho que não porque eu tenho amiga que não tem HIV e também passa por esses mesmos sintomas. (M12)*

Para as duas participantes, a utilização de antirretrovirais pode influenciar negativamente nos sintomas climatéricos:

- Acho que sim. Acho, de alguma forma, sim, porque antes eu já sentia alguns e agora estou sentindo mais. (M4)*
- Penso sim. Eu costumo dizer que os antirretrovirais parecem bomba. (M6)*

α A atenção à mulher climatérica na rede pública

Nas falas das mulheres, são indicados quais profissionais de saúde que realizaram os atendimentos e o que orientaram:

- Conversei com a ginecologista, ela me pediu alguns exames e falou que vai passar uns remédios. (M9)*

Falei com o médico ginecologista que disse que são sintomas da menopausa, ele passou exames. (M11)

Sobre o calor, eu comentei com a enfermeira que eu faço preventivo, ela falou sobre a terapia com hormônios. (M15)

Algumas participantes relataram não ter mencionado os sintomas do climatério no serviço de acompanhamento ao HIV/AIDS:

Não comentei nenhum sintoma. (M2)

Não falei com ninguém. (M7)

Mencionei não. (M8)

DISCUSSÃO

A primeira categoria, <<**O significado do climatério**>>, mostra o conhecimento das mulheres sobre o climatério e as relações que fazem com a menopausa.

O fato de algumas mulheres desconhecem o significado do conceito climatério e outras o relacionarem com a menopausa não interfere na vivência das mesmas em relação a esse período do ciclo vital feminino, que traz alterações metabólicas e hormonais que reverberam em seus corpos e em seus vínculos e interações com o ambiente e a sociedade.⁵

Essa fase é relacionada pelas mulheres, de forma empírica, com as falhas até a cessação da menstruação, a perda da capacidade reprodutiva, os tratamentos hormonais e o envelhecimento feminino. As mulheres, que vivenciam esse momento, conversam com as amigas e familiares mais próximos, externando as preocupações frente ao novo como as mudanças corporais, como o ganho de peso e a secura vaginal, e sintomas que, por vezes, são incontroláveis, como os fogachos e a irritabilidade.⁵

O climatério é um período importante e inevitável na vida feminina e mesmo que, por algumas vezes, ele traz dificuldades para esse grupo, como a perda da juventude, traz também ganhos como a sabedoria, e deve ser encarado como um processo natural e não como doença.^{5,9} É de grande valia para a mulher a identificação e compreensão desse momento para que, mediante alguma adversidade ou queixa, possa buscar assistência de uma Equipe Multidisciplinar de Saúde, mesmo ainda não havendo muitos avanços à atenção à mulher climatérica no Brasil.¹⁰

As participantes do estudo, como usuárias de um serviço de saúde de acompanhamento direto, devido a serem soropositivas para o HIV/AIDS, deveriam ter mais informações e cuidados frente ao climatério, com uma abordagem específica para essas questões. Elas precisam de orientações para se proteger

de complicadores de saúde e melhorar a sua qualidade de vida como também não contaminar seus parceiros devido à possível negligência ao uso do preservativo.

A segunda categoria, <<**Experienciando o climatério e suas repercussões**>>, identifica os sintomas e as consequências à saúde relativas ao climatério como também as estratégias utilizadas pelas mulheres para minimizar os desconfortos e, ainda, a relação com os antirretrovirais.

Os sinais e sintomas mais comuns do climatério estão presentes nas falas, como os calores ou fogachos, sendo os mais incômodos o nervosismo e agitação, depressão e insônia, que comprometem o bom desenvolvimento de suas atividades diárias e seu descanso; o ressecamento vaginal, aumento de peso e cabelos e unhas quebradiços, reverberando negativamente na qualidade de vida das mulheres.

Os fogachos ou “ondas de calor” constituem o sintoma mais comum nas mulheres ocidentais, podendo ocorrer em qualquer fase do climatério. Manifestam-se como sensação transitória súbita e intensa de calor na pele, principalmente do tronco, pescoço e face, que pode apresentar hiperemia acompanhada, na maioria das vezes, de sudorese. Além disso, pode ocorrer palpitação e, mais raramente, sensação de desfalecimento, gerando desconforto e mal-estar. Sua intensidade varia muito, desde muito leves a intensos, ocorrendo esporadicamente ou várias vezes ao dia. A duração pode ser de alguns segundos a 30 minutos.⁵

A labilidade emocional, ansiedade, nervosismo, irritabilidade, insônia, melancolia, baixa de autoestima, dificuldade para tomar decisões, tristeza e depressão também são sintomas que podem apresentar-se isoladamente ou em conjunto em algum período do climatério, em intensidade variável.⁵

O ressecamento vaginal, característico do climatério, é causado pela redução dos estrogênios que são, particularmente, importantes na manutenção do tecido genital saudável e, ainda, é agregada a essa fase a atrofia vulvovaginal, levando também ao aumento do pH vaginal, redução da lubrificação, alterações na sensação genital e dispareunia.¹¹

Ainda a partir do início do climatério, as mulheres apresentam crescente aumento de peso¹⁰ e possibilidade de enfraquecimento dos cabelos e unhas devido à insuficiência tireoidiana nessa fase⁵, refletindo em

comprometimentos com sua autoimagem. As sintomatologias, causadas pelas alterações hormonais, como alterações do comportamento, no caso a irritabilidade, e sintomas neurovegetativos, como as ondas de calor e sudorese,⁵ repercutem na qualidade de vida feminina por afetarem as suas ações e reações frente às questões do cotidiano e sociedade.¹²

Essas ações e reações, em consequência do climatério, podem gerar o afastamento dessas mulheres do convívio social, pelas pessoas do seu entorno, por gerar conflitos, ou por elas próprias, por ser sentirem diferentes, trazendo, dessa forma, pontos negativos para essa fase do ciclo vital feminino, que podem reverberar para sentimentos de tristeza e depressão.¹³ Essa mulher, por vezes, não se (re)conhece mais, necessitando de apoio dos familiares, amigos e dos profissionais de saúde para se (re)descobrir nessa nova fase, com suas novas possibilidades e limites.

Embora as estimativas apontem que cerca de um terço das mulheres sofrerá, pelo menos, um episódio de depressão durante a vida, com prevalência de 9% no climatério, percebe-se que tal manifestação resume-se à sensação de tristeza, em virtude das transformações físicas e sociais vivenciadas.¹⁴

A perda da libido e as mudanças corporais advindas do climatério podem refletir negativamente na sexualidade e nas relações sexuais da mulher,¹⁵ podendo gerar angústias e ansiedades.¹⁶ Para as mulheres soropositivas para HIV, em sua fase madura, com a autoestima sexual elevada, poderia ser mais suscetível à relação sexual sem proteção, devido ao acometimento das mudanças físicas e sociocomportamentais, refletindo em uma baixa autoestima global e, por consequência, redução na capacidade de negociação ao uso do preservativo. Para compor com a qualidade de vida da mulher no climatério, o respeito, companheirismo e amor demonstrado pela parceria são de extrema importância.¹⁷

As estratégias para amenizar os desconfortos advindos do climatério são realizadas pelas mulheres empiricamente, baseadas em sua realidade, percepções e sensações, como para os calores, os banhos frios, ventiladores e água gelada; e para a irritabilidade ações para ocupar o tempo, como leitura e atividade física. No entanto, a utilização de chás para minimizar os sintomas também foi mencionada. Dessa forma, muitas mulheres passam a fazer o uso de plantas, com efeito estrogênico e calmante,¹⁸ não somente para minimizar os sintomas, mas também para não fazer aumentar a

quantidade de possíveis medicamentos utilizados nessa fase da vida.¹⁹

A utilização de terapias alternativas entre as mulheres, para tratamento dos sintomas climatéricos, tem aumentado significativamente, devido aos efeitos adversos da Terapia Hormonal apontados na literatura, relacionados ao risco do câncer de mama.²⁰

Esse entendimento, de não perceberem os antirretrovirais, se associa com a sintomatologia do climatério, pode estar relacionado ao fato de não terem parâmetros prévios constituídos, devido à circunstância de serem soropositivas para o HIV antes do declínio hormonal.

A mulher na fase do climatério, devido à queda hormonal, além da apresentação dos sintomas vasomotores, neuropsíquicos e disfunções sexuais, pode ter agregada ainda a incidência de hipertensão arterial sistêmica, doenças cardiovasculares, osteoporose, hipotireoidismo, obesidade, diabetes *mellitus* e transtornos psicossociais^{5,21} que, possivelmente, incidirão no aumento da quantidade de medicações utilizadas¹⁹ e possíveis interações medicamentosas. E sendo soropositiva para o HIV, os antirretrovirais, consequentemente, irão corroborar negativamente para a qualidade de vida feminina, podendo até afastá-las do tratamento para a redução da carga viral.

Os sintomas climatéricos são comuns entre mulheres soropositivas para o HIV, mesmo quando elas ainda não atingiram o climatério. E quando já estão nessa fase da vida podem, inclusive, ser mais graves devido às complicações metabólicas relacionadas à infecção e pelo uso das drogas antirretrovirais.¹⁷

A terceira categoria <<a atenção à mulher climatérica na rede pública>> concatena as informações apontadas pelas usuárias do SAE sobre o atendimento oferecido pelos profissionais da saúde da rede pública sobre a atenção na fase do climatério.

Os profissionais citados foram o médico ginecologista e a enfermeira, profissionais de saúde da mulher que compõem o atendimento multidisciplinar. Estes solicitaram exames para um diagnóstico mais preciso, indicaram a prescrição de medicamentos, para minimizar os sintomas climatéricos, e promoveram a orientação sobre Terapia Hormonal.

Os membros da Equipe de Saúde Multidisciplinar em Ginecologia exercem importante função no atendimento dessas mulheres, sendo necessário que tenham uma escuta qualificada e sensível para essa faixa

etária, acolham as queixas e estimulem a cliente em relação à sua autoestima e autocuidado,⁵ sempre buscando compreender a multiplicidade de questões que perpassam o viver feminino, em prol de uma atenção integral à saúde.

O profissional enfermeiro é um membro de extrema importância na equipe multiprofissional de saúde que atende a mulher no climatério, tendo em vista a diversidade dos sintomas dessa fase da vida feminina, quando é necessário o esclarecimento e orientação sobre o que consiste, sintomatologia e possibilidades de enfrentamento.¹⁰

Nas falas das mulheres, não foram relacionadas as orientações recebidas sobre as possíveis mudanças positivas nos hábitos de vida em prol da redução dos desconfortos do climatério ou ainda da relação dessa etapa do ciclo vital feminino com a soropositividade para o HIV que vivenciam.

Uma dieta alimentar que atenda a essa fase da vida, a prática regular de atividade física, o estímulo à interação em grupo, com finalidade de lazer, e o incentivo à autoestima são ações que promovem hábitos de vida saudáveis que possibilitam uma melhoria da qualidade de vida e a redução dos sintomas do climatério.²²

O profissional de saúde deve trazer a relação do climatério, que possui uma sintomatologia própria, em conjunto com possíveis doenças crônico-degenerativas da senescência^{5,21} e suas medicações correlatas,¹⁹ com a soropositividade para o HIV e a utilização de antirretrovirais,¹⁷ no sentido de esclarecer comportamentos e orientar ações da mulher para que busque assistência sempre que houver necessidade.

O fato de mesmo algumas mulheres não terem se queixado sobre os sintomas do climatério, os profissionais de saúde do serviço de acompanhamento ao HIV/AIDS deveriam estar atentos a essas questões que permeiam o universo feminino baseados, principalmente, na faixa etária das usuárias e, dessa forma, desenvolver e utilizar abordagens específicas e estratégias para esse grupo, em prol da atenção integral feminina. A assistência à mulher deve ser preventiva, mediante o esclarecimento e estímulo ao autoconhecimento, preparando-a para o enfrentamento e superação das alterações e desconfortos advindos do climatério.⁵

A premência de ações de promoção de saúde à mulher climatérica é necessária para associar efetivamente essa fase do ciclo vital às políticas públicas de saúde brasileiras.²³

CONCLUSÃO

A partir dos resultados deste estudo, foi possível identificar a vivência das mulheres soropositivas para HIV/AIDS acerca do climatério que aponta para a falta de conhecimento sobre essa fase da vida, sintomatologia e formas de vivenciá-lo com melhor qualidade, como também a escassa abordagem dos profissionais de saúde sobre o assunto.

O conhecimento sobre essa fase da vida se faz necessário para que esta mulher possa buscar possibilidades de minimizar seus desconfortos e permitir uma participação ativa em suas decisões de saúde.

O apoio dos amigos e familiares também é primordial para a mulher soropositiva para o HIV/AIDS e climatérica, para que ela possa dialogar e expressar suas questões e obter compreensão e troca de experiências.

A participação do profissional de saúde é indispensável, preferencialmente integrante de uma Equipe Multidisciplinar, para que atenda a mulher de forma integral, não apenas visualizando a soropositividade para o HIV/AIDS, mas suas questões femininas, no caso, o climatério.

As unidades de saúde devem capacitar os profissionais e oferecer estrutura para que possam assistir a mulher com qualidade, ofertando um atendimento preventivo e especializado, utilizando estratégias com ações individuais e coletivas, grupos de reflexão e consultas multiprofissionais.

REFERÊNCIAS

1. Costa R, da Silva R. Factors related to feminization of the epidemic of aids: an informational study. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2017 Jan 28]; 7(8):5340-4. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/view/4793>
2. Luiz AA, Fernandes Junior N. Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/aids. Pro-Posições [Internet]. 2008 [cited 2017 Jan 28];19(2):81-97. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200007
3. Fonseca FF, Sena RKR, Santos LAS, Dias OV, Costa SM. The vulnerabilities in childhood and adolescence and the brazilian public policy intervention. Rev paul Pediatr [Internet]. 2013 [cited 2017 Jan 28]; 31(2):258-64. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rpp/v31n2/en_19.pdf

4. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim epidemiológico: Aids e DST [Internet]. 2014 Jan/June [cited 2017 Jan 28]; 3(1):1-84. Available from: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_15565.pdf
5. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2008 [cited 2017 Jan 28]. Available from: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio.pdf
6. Silva MCA, Burgos GPA, Silva RA. Alterações nutricionais e metabólicas em pacientes com Aids em uso de terapia antirretroviral. DST j bras doenças sex transm [Internet]. 2010 [cited 2017 Jan 28]; 22(3):118-122. Available from: <http://www.dst.uff.br/revista22-3-2010/Alteracoes%20nutricionais%20e%20metabolicas.pdf>
7. Felix G, Ceolim MF. The profile of women with HIV/AIDS and their adherence to the antiretroviral therapy. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2012 [cited 2017 Jan 28]; 46(4):884-91. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n4/en_15.pdf
8. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.
9. Monteiro MLS. Como vai a senhora? reflexões sobre as perdas e angústias da mulher madura. Rev IGT na Rede [Internet]. 2010 [cited 2017 Jan 28]; 7(13):246-77. Available from: <http://132.248.9.34/hevila/IGTnarede/2010/vol7/no13/2.pdf>
10. Moraes TOS, Schneid JL. Qualidade de vida no climatério: uma revisão sistemática da literatura. Rev Amazônia Sci Health [Internet]. 2015 [cited 2017 Jan 28]; 3(3):34-40. Available from: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/879/378>
11. Levine KB, Williams RE, Hartmann KE. Vulvovaginal atrophy is strongly associated with female sexual dysfunction among sexually active postmenopausal women. Menopause [Internet]. 2008 [cited 2017 Jan 28]; 15(4):661-6. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18698279>
12. Ferreira RC, Pereira AV, Alves VH, Santos MV, Rodrigues DP, Marchiori GRS. Saúde de mulheres no climatério no sistema prisional. Cogitare enferm [Internet]. 2017 [cited 2017 Jan 28]; 22(1):1-8. Available from: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/48235/pdf>
13. Ministério da Saúde (BR). Envelhecimento e saúde da pessoa idosa [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2006 [cited 2017 Jan 28]. Available from: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/bcad19.pdf>
14. Polisseni AF, Araújo DAC, Polisseni F, Mourão Junior CA, Polessini J, Fernandes ES, et al. Depressão e ansiedade em mulheres climatéricas: fatores associados. Rev bras ginecol obstet [Internet]. 2009 [cited 2017 Jan 28]; 31(1):28-34. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v31n1/v31n1a06.pdf>
15. Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB. O climatério sob a ótica de mulheres assistidas em uma unidade de Saúde da Família de Juiz de Fora - Minas Gerais. Rev APS [Internet]. 2008 [cited 2017 Jan 12]; 11(1):42-53. Available from: <http://www.aps.ufjf.br/index.php/aps/article/view/201/83>
16. Zampieri MFM, Tavares CMA, Hames MLC, Falcon GS, Silva AL, Gonçalves LT. O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2009 [cited 2017 Jan 12]; 13(2):305-12. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a10.pdf>
17. Valadares ALR, Pinto Neto AM, Abdo C, Melo VH. HIV em mulheres de meia-idade: fatores associados. Rev Assoc Med Bras [Internet]. 2010 [cited 2017 Jan 12]; 56(1):112-5. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302010000100025
18. Schulz V, Hansel R, Tyler VE. Fitoterapia racional: um guia de fitoterapia para as ciências da saúde. 4th ed. São Paulo: Manole; 2002.
19. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. Climatério: manual de orientação. São Paulo: Febrasgo; 2010.
20. Barra AA, Albergaria DA, Mariano FM, Dantas JB, Pinto KMC, Resende NM. Terapias alternativas no climatério. Femina [Internet]. 2014 [cited 2017 Jan 12]; 42(1):27-31. Available from: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2014/v42n1/a4810.pdf>
21. Gelatti GT, Oliveira KR, Colet CF. Potenciais interações relacionadas ao uso de medicamentos, plantas medicinais e

Gomes JCR, Vieira BDG, Queiroz ABA et al.

A vivência de mulheres soropositivas para hiv/aids...

fitoterápicos em mulheres no período do climatério. Rev pesqui cuid fundam (Online) [Internet]. 2016 [cited 2017 Jan 12];8(2):4328-4346. Available from:

<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4401>

22. Silva AR, Ferreira TF, Tanaka ACA. História ginecológica e sintomatologia climatérica de mulheres pertencentes a uma unidade de saúde pública do estado do Acre. JHGD [Internet]. 2010 [cited 2017 Jan 12];20(3):778-786. Available from:

<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19986/22072>

23. Soares RS, Simões FSM, Fazoli S, Coutinho HF, Cortez EA. O viver de mulheres no climatério: revisão sistemática da literatura. Enferm glob [Internet]. 2012 [cited 2017 Jan 12];11(25):452-63. Available from:

http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v11n25/pt_enfermeria2.pdf

Submissão: 29/01/2017

Aceito: 11/06/2017

Publicado: 01/07/2017

Correspondência

Diego Pereira Rodrigues
Rua Desembargador Leopoldo Muylart, 307
Bairro Piratininga
CEP: 24350-450 - Niterói (RJ), Brasil